

EDUCAÇÃO E CULTURA: O EMPODERAMENTO FEMININO A PARTIR DO FILME O SORRISO DE MONA LISA

Angela Maria Andrade Marinho¹
André Hellvig da Silva²

RESUMO

Este trabalho trata da relevância da trajetória educacional e profissional das mulheres, a partir de uma análise que visa oportunizar discussões devidamente embasadas que conduzam ao discernimento sobre a atuação da mulher no âmbito social, considerando a educação como forma de empoderamento feminino, tanto para ampliar a inserção feminina nas diferentes carreiras profissionais, quanto para a reafirmar a necessidade da igualdade e equidade de gênero. Utilizamos-nos dos pressupostos da pesquisa bibliográfica a partir de um viés filmográfico cuja abordagem qualitativa, possibilitou perceber que a forte cultura de gênero mantém a mulher no espaço privado, em pleno século XXI, seja pela limitação na formação educacional que não forma as mulheres para o exercício da cidadania plena, seja pelo conservadorismo da sociedade ou ainda pela falta de apoio de outras mulheres, o que chamamos de ausência de sororidade. O empoderamento feminino é uma estratégia de formação e de ação possível, por meio de um currículo, que valorize práticas transdisciplinares, na medida em que este implemente conhecimentos sobre as lutas e resistências das mulheres ao longo dos anos, para que enquanto mulheres, possamos nos fortalecer e então, reconhecer a importância de assumir um lugar nos espaços de tomadas de decisões políticas e continuar a luta pela igualdade de gênero na sociedade, valorizando a um só tempo práticas educativas, culturais e sociais.

Palavras-chave: Educação, Cultura, Empoderamento feminino.

INTRODUÇÃO

Analisar a prática, documentos, filmes é uma expressão que ouvimos com tanta frequência que, como tantas outras em nossos campos pessoal e profissional, correm o risco de perder o sentido, cair na banalização. Daí a importância do docente, como pessoa e profissional, refletir e aprofundar conhecimentos sobre o que estamos realmente construindo e analisando. A busca do entendimento de um processo que envolve facilidades, limitações, desejos e a compreensão das próprias motivações para que as ações e emoções futuras sejam de qualidade e não de raiva, frustração e amarguras, requer maturidade e diálogo.

Nessa perspectiva, atitudes e práticas devem corresponder, obrigatoriamente, à mudança comportamental, à profunda reflexão, já que só podemos mudar quando somos capazes de detectar dificuldades ou carências vivenciadas. A partir de nossa trajetória pessoal e profissional, podemos dizer que isto é inseparável de formação estruturada, equilibrada, segura e, portanto, devidamente fundamentada em bases sólidas.

¹ Mestre em Educação – Docente do Instituto Federal Farroupilha-RS, angela.marinho@iffarroupilha.edu.br

² Mestre em Educação – Docente do Instituto Federal Farroupilha-RS, andre.hellvig@iffarroupilha.edu.br

Avançamos na medida em que somos capazes de compreender, fundamentar e refletir sobre o que estamos fazendo, sobre o que estamos buscando de maneira responsável e comprometida, sobre os verdadeiros motivos de nossas posturas e, sobretudo, mostrar-se aberto à necessária mudança interior, que certamente corresponderá às transformações educacionais e sociais tão almejadas.

Não me parece que seja justo considerar qualquer tipo de educação a solução dos problemas. O hábito histórico que temos de banalizar as coisas, os acontecimentos, de não questionar, de não dialogar, empobrece e dificulta as relações e, talvez por medo, vergonha ou comodismo, vamos contribuindo para a deterioração cada vez maior dos relacionamentos humanos, sociais e profissionais e isto influencia todos os outros relacionamentos: familiares, afetivos, grupo de amigos, vizinhos, colegas de trabalho.

Precisamos questionar a teoria, incentivar a pesquisa, a autorreflexão, o autoconhecimento, o empoderamento feminino e a formação continuada de qualidade, enfim promover a busca da autoestima para que os fazeres docentes em sala de aula sejam transdisciplinares.

Práticas tradicionais, como as analisadas no filme, devem ser questionadas, para que sejam compreendidas as suas implicações sociais futuras, especialmente as consequências dessas práticas conservadoras que acabam por sustentar relações familiares mal resolvidas. Não compreendemos uma educação em que tecer redes é tarefa vista com resistência e desconfiança, ratificando espaços educativos onde não há disponibilidade para o diálogo, para o olhar, para o tocar, para a mudança de comportamento, para a autoanálise, para a escuta frente as inquietações dos incomodados, onde não há tomada consciente de decisões, onde não há espaço para conexões, onde o comprometimento é subjetivo, dentre a falta de muitos outros aspectos atitudinais de igual relevância, entre eles respeito a um ser humano que tem coração, e portanto, sente, vê, ouve etc.

No filme *O Sorriso de Mona Lisa* (2003), Katharine Watson, personagem vivido por Julia Roberts, é uma professora recém-graduada que consegue trabalho no conceituado colégio Wellesley, para lecionar aulas de História da Arte. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio em que trabalha, ela decide lutar contra estas normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida. Apresenta capacidade para se adequar a um novo ambiente de trabalho e aos desafios de enfrentar uma turma de moças que sonham apenas com um casamento feliz e uma casa com os mais modernos eletrodomésticos. É uma jovem professora que tem habilidade e competência para

despertar o interesse das alunas utilizando novos recursos pedagógicos. Aparece como uma mulher à frente do seu tempo, moderna, livre e independente, que através das suas aulas mostra uma possibilidade de vida e uma nova oportunidade para as alunas desafiarem o destino para qual estavam sendo preparadas, treinadas, domesticadas. Ao não se conformar com a falta de perspectivas profissionais das moças, tenta despertar nelas o desejo de emancipação de modo a quebrar a tradição da formação para servir ao lar. Oportuno aqui, abordar o conceito de sororidade, que é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. A sororidade está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros. A sororidade pressupõe respeito e consiste no não julgamento prévio entre as próprias mulheres que, na maioria das vezes, ajudam a fortalecer estereótipos preconceituosos criados por uma sociedade machista e patriarcal, exatamente como aquela retratada no filme.

A história ocorre nos anos 50, com a chegada da nova professora, uma idealista, com ideias avançadas para aquela sociedade. Tudo começa a mudar, quando ela passa a questionar os sentimentos mais escondidos, mais encobertos. Katherine Watson percebe que terá dificuldades logo na sua primeira aula. Num primeiro contato com a turma, composta apenas de mulheres de classe média alta, a professora fica surpresa com a capacidade das alunas condicionarem-se às limitações da “decoreba” de uma apostila extremamente limitada. Além disso, as alunas demonstravam desconhecimento do que realmente seria a disciplina de História da Arte, com a qual teria que trabalhar.

A professora encara o desafio enfrentando as famílias, as alunas e direção da escola, que eram muito conservadores. Tenta motivar as alunas a irem além da memorização, a pensar, a entender o sentido das coisas, utilizando-se principalmente do Ensino da Arte Moderna. Além de contextualizar a Arte, a professora também problematiza-a.

O filme, ainda hoje, século XXI, tem muito a haver com a realidade das mulheres. O positivo disso tudo é saber que existiram e existem mulheres e profissionais que são capazes de superar e desafiar uma sociedade machista, conservadora e falso-moralista, não se conformando com o destino de apenas serem donas de casas. O acesso à educação de qualidade e crítica foi fator determinante para a vitória e o sucesso destas e de muitas outras mulheres. Falo em sucesso, porque se libertaram de suas amarras, e também porque está comprovado cientificamente que a boa convivência entre pais e filhos, maridos e esposas,

irmãos... influenciam positivamente todas as faces da vida. Assim, o contrário também é verdadeiro. Quanto mais perversas, mais dominadoras, mais ameaçadoras e autoritárias forem às relações, mais doenças aparecerão, os filhos terão mais dificuldades nos estudos e no trabalho (se conseguirem uma oportunidade) e, por conseguinte, desse ambiente conflituoso, nascem as agressões, o isolamento social e a infelicidade.

No filme, o conflito se estabelece justamente porque o Colégio extremamente tradicional, preparava as moças para desempenharem bem o papel de esposa, cujo objetivo induzido da maioria das garotas era fazer um bom casamento, ter filhos e seguir os padrões impostos por aquela sociedade tradicional, arrogante, hipócrita, cujos valores manifestados no dia a dia eram incoerentes, pois não condiziam com a teoria aparentemente defendida na Escola.

METODOLOGIA

A opção pela pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa visa a partir da análise filmográfica, tratar de um contexto social e histórico que aborda as contradições, os conflitos e os interesses antagônicos, intrinsecamente relacionados ao empoderamento feminino. A metodologia adotada pretende problematizar algumas práticas e posturas que possibilitem uma intervenção na realidade, partindo do campo educacional ao incentivar ações pedagógicas transdisciplinares e emancipatórias.

DESENVOLVIMENTO

O nome dado ao filme *O Sorriso de Mona Lisa* (2003), possivelmente faz referência ao quadro pintado por Leonardo Da Vinci. No filme, a obra de arte tem papel primordial, quando é enfocada a seguinte questão: a mulher pintada no quadro estaria alegre ou não? Com base nessa pergunta é possível refletir também se aquelas mulheres/alunas, que estudavam no colégio Wellesley e direcionavam seus valores, suas vontades, suas vidas para o casamento, a casa, o marido e os filhos, eram mesmo felizes como diziam ser ou como esperavam ser. Que ideal de vida as sustentavam? Esse ideal e a formação que elas obtinham, permitia que as mesmas construíssem sua própria identidade, sua própria personalidade, enfim a sua felicidade?

Talvez, como o sorriso enigmático de Mona Lisa, assim, também, poderia ser o futuro daquelas alunas, que vivem a transição da educação tradicional para a educação crítica, de forma a fingir ser feliz, mas, na verdade eram infelizes, e mais, para esconder o seu sofrimento dos outros demonstravam em seu sorriso uma leve impressão de felicidade, quando na verdade suas vontades era chorar.

A ideia principal do filme refere-se ao papel das mulheres na década de 1950, mais especificamente 1953/1954. Período histórico onde as funções sociais femininas eram rigidamente definidas. Apesar da reputação acadêmica, o famoso Colégio é um ambiente onde o sucesso é medido pelo casamento das alunas. Encorajando as mulheres/alunas a lutarem por um futuro melhor, a professora Watson desafia a administração e inspira-as a olhar para além das imagens e considerar as possibilidades do que elas poderiam ser. Ela é o protótipo de mulher moderna, que faz por onde quebrar as barreiras do mundo machista em que vive.

A professora encarna um feminismo antecipado em alguns anos. É uma mulher que está além de seu tempo e que não se conforma com o fato de suas alunas irem à faculdade para estudar sem a perspectiva de, no futuro, se tornarem profissionais e ingressarem no mercado de trabalho. Não há outro desejo nas estudantes que frequentam as aulas senão o de se tornarem esposas dedicadas e preparadas para transformar a vida de seus maridos numa existência confortável onde as aparências são mantidas (mesmo que cinicamente) a qualquer custo (ainda que isso signifique o sacrifício de suas honras, autonomia, desejos, alegrias compartilhadas e esperanças num futuro melhor).

O filme evidencia uma crítica ao papel desempenhado pela mulher na sociedade do século XX. Aborda outros temas polêmicos como relações entre mãe e filha (a mãe mesmo frustrada aconselha a filha a seguir o mesmo caminho), casamento de aparências, a dura vida de filhos de casais separados, as traições e mentiras entre outros.

Com a fenomenologia que aprendeu de Edmundo Husserl, Heidegger quis escapar deste mundo em que nosso encontro com as coisas e conosco nos faria manipuladores, e, assim, dominadores e dominados ao mesmo tempo. (GHIRALDELLI, 2008, p. 49)

Cabe dizer que a fenomenologia hermenêutica muito tem contribuído para a formação de pessoas mais conscientes, para a formação de professores preocupados com o sujeito, oportunizando discussões e reflexões filosóficas que levem o sujeito contemporâneo a ver e ver-se além das aparências.

Em *O Sorriso de Mona Lisa* é possível perceber um paradoxo: de um lado a alegria e a satisfação aparente das alunas e de outro, a difícil tarefa de romper com os preconceitos e tradições alienantes. Vemos mulheres que aparentam ser felizes, apesar de não serem, e esposas que são ressonâncias, sombras da vida de seus maridos, permanecendo sem identidade própria.

Neste contexto, marcado por grandes conflitos internos e socioemocionais, a professora progressista, Katherine, tem a esperança de ensinar para as meninas mais brilhantes dos Estados Unidos da América (EUA), que muito mais importante que casar é ser uma profissional livre, autônoma, independente e feliz. Katherine, tenta mudar a cabeça destas alunas-mulheres; ela está disposta a fazer de tudo para que as garotas de Wellesley enxerguem uma alternativa de vida. Pode-se dizer que o objetivo inicial da professora de arte representada no filme, é o de realizar um trabalho pedagógico de qualidade. Contudo, logo depois percebe que sua tarefa, como profissional comprometida com as transformações sociais, será, sobretudo, a de instigar a ruptura dos padrões tradicionais de educação, de questionar o conservadorismo americano, especialmente, o papel submisso da mulher.

Incomodada, Katherine, luta contra as normas e age em prol de uma mudança comportamental por parte dessas alunas-mulheres. A professora acaba estimulando as alunas a enfrentarem os desafios da vida. Nesse contexto, na interação com elas, Katherine vai se descobrindo e se redefinindo também.

O filme, então, acontece em torno de quatro “amigas,” Betty que é, digamos, a líder do grupo e editora do jornal da universidade, Joane é a mais brilhante do grupo, um pouco mais cabeça aberta, mas ainda assim destinada a se casar e cuidar da casa, Giselle é a problemática filha de pais divorciados que se interessa por homens mais velhos, e Constance, que completa o quarteto, é a “gordinha” sonhadora do grupo.

A personagem Joan Brandwyn, representa a possibilidade da mulher sair do seu papel de agente passiva. Joane consegue sair da sua posição, e tomar sua própria decisão: faz inscrição e é aceita pela faculdade de Direito, entretanto, abre mão da sua carreira para viver sua vida conjugal. O importante é que ela faz uma escolha, e nela, é livre. Betty Warren, por pressão da família e pressão social casa-se e acaba por constatar que o casamento não é garantia de segurança social e muito menos de felicidade. Já Giselle, por sua vez, é uma moça liberal que se apaixona por homens mais velhos, representa uma personagem forte que foge

dos padrões da época. Percebe-se uma simbologia feita pelo filme, quando Giselle, através da cena que aparece em frente ao espelho, tenta se comparar à professora Watson.

Ao invés da perspectiva de uma vida de realizações pessoais e profissionais conciliada com um casamento equilibrado, as moças parecem mais dispostas a servir de suporte para o sucesso de seus maridos e se conformar com o conforto material e a prosperidade financeira obtida pelos mesmos. O sonho da maioria delas é ter uma casa e uma festa de casamento celebrando socialmente uma união feliz e eterna (mesmo que isso signifique aceitar traições e ter que continuar sorrindo e fingindo desconhecimento de causa). *O Sorriso de Mona Lisa* é envolvente por nos mostrar o cinismo e a hipocrisia do que acontecia e ainda hoje acontece em muitos lares, onde mulheres são traídas e sequer conseguem lutar por suas realizações pessoais e profissionais, justamente por estarem desprovidas de garra, força e coragem para triunfar; tendo em vista que o combustível mais precioso, a satisfação que leva ao desejo, lhes fora usurpado por seus convives ao longo dos anos, onde as amarguras se transformam em envelhecimento precoce e doenças fatais. Doentes, velhas, feias e alienadas como dizer a sua palavra? É o conflito estabelecido. Nota-se que tudo isso ocorre a partir dos anos 50 em diante, onde o ser humano é levado a se autoconscientizar do seu papel na sociedade e aprender a olhar para dentro de si, ainda que negue esta mirada interna por causa das “supostas” nefastas consequências. Dessa maneira, especialmente a mulher, cria suas próprias referências e descobre que deve viver em meio ao sistema, e não alheio a ele, e que não deve se deixar dominar intimamente. A Arte Moderna entra nesse cenário como a própria expressão deste crescimento. A Arte questiona, a professora também. A Arte causa impacto e desconcerto, a professora também. O quadro em questão é um marco na Arte, da mesma maneira que a professora também representa um marco para aquela geração de alunas. As alunas do Wellesley, acostumadas com suas tradições, crenças e princípios, viviam de forma pacata e tranquila, reproduzindo simplesmente o que seus pais queriam e achavam que era o correto, estavam apáticas frente aos acontecimentos do mundo contemporâneo, já que viviam em regime de internato, mas não somente por isso, estavam conformadas a pensamentos, ideias e ensinamentos pensados e passados para atender aos interesses de outros, não os seus.

Sorriso de Mona Lisa é a oportunidade que temos para falar da importância da emancipação das mulheres, do valor de uma professora por excelência. É uma pesada crítica ao conformismo que imperava entre as representantes do sexo feminino durante os anos 1940

e 1950, visto que, por trás de uma aparente felicidade evidenciada nos lares americanos, existiam mulheres restringidas em suas capacidades peculiares que são: agir e pensar.

De acordo com Garnier (1996, p.17) é muito importante o papel desempenhado pelas interações sociais na construção dos conhecimentos, uma vez que “a noção chave é a do conflito, um conflito estruturador, fonte de mudança no indivíduo”.

Há algumas passagens no filme que devemos comentar como a cena que gera desconforto e ansiedade entre as alunas quando o quadro Carça, de Soutine, é apresentado a elas. Essa obra é considerada uma das mais dinâmicas representantes do expressionismo. No filme o que se pode perceber é que como Soutine não é um artista clássico integrante da cultura considerada “correta” para a classe social daquelas mulheres, ele acaba por fazer com que o pensamento das mesmas se desequilibre frente a uma obra que representa “erotismo e agressividade”. Professora de visão futurista, a Senhora Watson, rompe com o conservadorismo, mostrando às alunas que é possível conciliar carreira profissional e vida familiar. Tenta, dessa maneira, libertar a mulher da égide do casamento, onde seria apenas uma figura subserviente. Estimulava a aptidão e o crescimento das suas alunas para liderança. Naturalmente, para os padrões arcaicos do Colégio, este tipo de intervenção e aplicações de métodos educativos diferentes não agradavam a direção. Neste contexto, é relevante citar Masetto, (1994, apud BEHRENS, 1996, p. 70), pois apresenta uma perspectiva ampliada, no que se refere ao professor em relação a si mesmo, propondo a busca de um desenvolvimento pessoal e profissional pautado na reflexão. Isto significa questionar profundamente as próprias posições filosóficas, epistemológicas, políticas e ideológicas, significa entender-se como ser histórico e perguntar-se sobre suas intencionalidades, o que é diferente de simplesmente discutir, informar-se, polemizar (PIMENTEL, 1993, p. 37 apud BEHRENS, 1996, p. 38).

Criar uma nova postura do professor/a em relação ao aluno/a é outra reflexão que deve ser realizada, e implica descobrir caminhos atualizados no processo pedagógico. Implica também disposição para enfrentar os conflitos com discernimento e persistência, sem deixar-se abater pela fúria daqueles que tem seus interesses, já consolidados, questionados.

A formação não é feita por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas por meio de reflexões críticas sobre as práticas e de reconstrução da identidade pessoal. Isto supõe mudança. E mudar não é impossível. Ivor Goodson e Rob Walker, (1991 apud NÓVOA, 2002, p. 43) defendem a necessidade de investir na práxis como lugar de produção do saber e de conferir atenção especial à vida do professor, pois muito do que o

adulto retém está implicitamente relacionado com a experiência e a identidade dos professores passados. A busca da autonomia supõe refletir sobre experiências de vida, vivências e delas extrair conhecimentos para aprender a ser e conviver, de forma empoderada nesta sociedade intensiva do conhecimento que é a Pós-Modernidade ou Modernidade Tardia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao profissional-pessoa deste terceiro milênio cabe à tarefa de construir conhecimentos, estabelecer relações sadias e mostrar-se aberto para as mudanças imprescindíveis ao século XXI. Defendemos a educação de humanos, por humanos para o bem da humanidade que deve ser o mote principal para o bem viver nesta aldeia global chamada terra, já que para executar tarefas repetitivas existirão os computadores, as máquinas programadas e os robôs. Ao ser humano caberá a tarefa de valorizar o nós e o ser, ao contrário do que se faz hoje, onde se valoriza mais o eu e o ter, e para isso o ser humano é capaz das piores bárbaries cotidianas. Temos no entorno social um ser híbrido, que a partir de um discurso totalmente dissociado da prática é capaz de manipular pessoas e adaptá-las a esta sociedade adoecida, cuja crise ultrapassa as barreiras morais, atingindo altos níveis de brutalidade e psicopatia. Como resultado de uma pesquisa qualitativa, defendemos a cultura dando suporte à educação para a necessária discussão de temas ainda polêmicos, como feminismo, inclusão, diversidade, genero, etnia, infância, direitos humanos, cidadania, entre tantos outros de igual relevância no contexto respeitoso da multidimensionalidade que envolve as relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço de Katherine é dirigido a levar as alunas a se interessarem vivamente por Arte Moderna, a irem além das tradições, e através deste interesse, reconstruírem a si próprias enquanto pessoas, mulheres que têm opiniões pessoais e que se posicionam sobre o que está a sua volta, em vez de seguir padrões estabelecidos.

Romper com paradigmas dominantes, de que só é certo aquilo que é socialmente aceitável, deve ser uma das metas dos professores do século XXI, pois não se pode conceber a Educação como um espaço alheio a sociedade. Analisar criticamente os currículos monoculturais, refletir coerentemente sobre fazeres e saberes docentes e procurar

formar criticamente os cidadãos deste novo contexto social é imperativo ao profissional que anseia mudar a realidade na qual está inserido.

Temos que contribuir para o crescimento emocional, cultural de todos os envolvidos no processo educativo, sejam pais, professores, alunos. Unidos somos fortes, individualizados, somos pedaços, fragmentos do passado.

O professor, deste novo tempo, mais do que nunca tem que ser curioso, investigador, pesquisador, criativo e dinâmico. Deve provocar questionamentos e reflexões acerca das normas impostas, não basta conteúdo programático, e sim informações trabalhadas de forma contextualizada, problematizada e de forma transdisciplinar, estimulando as pessoas a conceberem a realidade de outra forma, a se aventurarem a fazer uma análise própria.

É preciso resgatar a autonomia do ser mulher e, através da educação, lhe permitir compreender a historicidade que nos envolve.

O momento é paradoxal, é de conflito. Ao mesmo tempo em que as mulheres buscam por liberdade e sonham com dias melhores, também não querem abrir mão de certos confortos, status e comodidades, aceitando a situação vivida como normal. A professora fez a diferença na vida de muitas alunas e também aprendeu com elas.

Resta claro a importância do conhecimento compartilhado, de que a educação não pode ser algo mecânico e alienado, devendo respeitar o ponto de vista e as ideias dos alunos, para que possam “pensar certo”, conforme nos ensina Paulo Freire (2011, p. 31). Outro aspecto é que nem sempre as pessoas ditas “perfeitas” são tão perfeitas assim. Filme político-pedagógico, que aborda à temática desenvolvida levantando a questão da mulher e a formação da professora, que enxerga para além das possibilidades reais, ao compreender e valorizar o fato de que podemos fazer a diferença. Afinal de contas, devemos nos perguntar: para que estudar? Para que se casar? Que tipo de profissional quero ser? Mas como conciliar o lar, o trabalho e a vida social? Questões dolorosas e difíceis que ainda hoje são enfrentadas pelas mulheres em pleno “pós-modernismo”.

Sabemos que na vida real, muitas são as situações relacionadas à temática do filme, e o desfecho é o mesmo: algumas mulheres optam por continuar subservientes e sem identidade própria, com o comodismo e ou conforto que o casamento proporciona, agindo de acordo com as vontades do outro; outras optam pelo divórcio; tem ainda aquelas que

livremente optam pelo casamento e abrem mão de forma consentida de algumas coisas e há outras, que, infelizes, “por falta de opção”, mantêm-se solteiras, mas desejando serem casadas, felizes, autônomas e independentes.

O certo é que não há manuais para lidar com emoções e temperamentos, somente vivendo a situação é que decidimos, na urgência, o agir com incertezas. O ser humano, por mais que pense se conhecer, por mais equilibrado que seja, não tem noção dos atos que pode cometer diante de uma situação desesperadora: escândalos, indiferença, vinganças, isolamento social, alegria aparente, rancor, suicídio, homicídio ou a caridade em ser bom com quem é malvado e carece de ajuda? Eis algumas reações que o ser humano pode ter, nos dias atuais, diante de certas circunstâncias que atrai para sua vida terrena.

Na saída enigmática da professora Watson da Universidade de Wellesley, Betty, aluna da referida professora, líder do grupo, termina a narração do filme nos levando novamente a outra reflexão: “[...] Nem todo errante é sem propósito, especialmente aquele que busca a verdade além da tradição, além da definição, além da imagem.” De acordo com Depráz, a Epoché de Husserl é a instalação da dúvida provisória, do questionamento permanente e das certezas colocadas entre parênteses.

REFERÊNCIAS

- BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.
- DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GARNIER, C.; BEDNARZ, N.; ULANOVSKAYA, I. **Após Vygotsky e Piaget: Perspectivas social e construtivista**. Escolas Russa e Ocidental. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- GHIRALDELLI, P. **O que é Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- NÓVOA, A. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.
- O Sorriso de Mona Lisa. Direção de Mike Newell. Califórnia: Columbia Pictures, 2003. 1DVD (117 min), color, legendado.